

COMUNICAÇÃO, INTERNET E IDENTIDADE: ANÁLISES SOBRE OS JOVENS BRASILEIROS DO ESTADO DO PARÁ

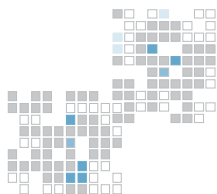
COMMUNICATION, INTERNET AND IDENTITY: ANALYSIS OF YOUNG
BRAZILIANS FROM THE STATE OF PARÁ

COMUNICACIÓN, INTERNET E IDENTIDAD: ANÁLISIS ACERCA DE LOS
JÓVENES BRASILEROS DEL ESTADO DE PARÁ

Manuela do Corral Vieira

■ Graduada em Publicidade e Propaganda pela Universidade da Amazônia (Unama), realizou Mestrado em Marketing na Universidad Autónoma de Madrid (UAM), no qual foi bolsista do Programa Alban e é Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Pará. Atuou como pesquisadora no grupo “Cidade, Aldeia e Patrimônio”, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas do Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Possui experiência na área de Cibercultura, Planejamento de Marketing, Comunicação com o Mercado, Mídias Digitais, Criação e Redação Publicitária, Teorias Comunicacionais e Paisagem, Memória e Gênero. Atua, especialmente, em: cibercultura, planejamento em Comunicação, Antropologia social, Mídia e Planejamento Publicitário. Professora da graduação do Centro Superior do Estado do Pará (CESUPA) e da graduação e da pós-graduação (Mestrado de Comunicação, Linguagem e Cultura) da Universidade da Amazônia.

■ E-mail: manuelacorralv@yahoo.com.br





RESUMO

O presente estudo se propõe a analisar a importância que as redes sociais da internet desempenham no processo de comunicação e de construção das identidades dos jovens. Além disto, busca-se avaliar, tendo como base os estudos de objetificação da cultura material, no campo da cibercultura, de que maneira e em qual nível estas tecnologias são capazes de encantar e de exercer influência à medida que interagem com os sujeitos, influenciando assim em suas subjetividades, interações sociais e, conseqüentemente, nas experimentações e construções de suas identidades.

PALAVRAS-CHAVE: COMUNICAÇÃO; REDES SOCIAIS DA INTERNET; IDENTIDADE E CULTURA MATERIAL.

ABSTRACT

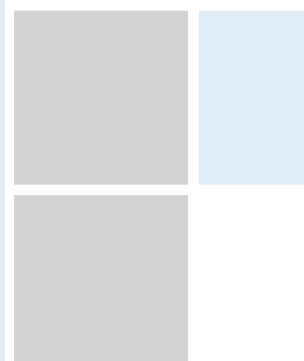
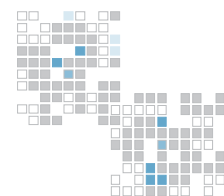
The present study aims at examining the importance of the role that the Internet social networks play in the communication and in the construction of youth identities. Furthermore, one seeks to assess, based on studies of objectification of material culture in the field of cyberculture, how and at what level these technologies are able to enchant and influence as they interact with people, thereby influencing their subjectivities, social interactions and consequently in experiments and construction of their identities.

KEYWORDS: COMMUNICATION; SOCIAL NETWORKING SITES, IDENTITY AND MATERIAL CULTURE.

RESUMEN

El presente estudio se propone en analizar la importancia que las redes sociales de internet desempeñan en el proceso de comunicación y de construcción de las identidades de los jóvenes. Además, se busca evaluar, teniendo como base los estudios de objetificación de la cultura material, en el campo de la cibercultura, de qué manera y en cuál nivel estas tecnologías son capaces de encantar y de ejercer influencia en la medida que interactúan con los sujetos, influenciando así en sus subjetividades, interacciones sociales y, conseqüentemente, en las experimentaciones y construcciones de sus identidades.

PALABRAS CLAVE: COMUNICACIÓN; REDES SOCIALES DE INTERNET; IDENTIDAD Y CULTURA MATERIAL.



1. Jovens. Quem são?

A presente pesquisa propõe-se a reflexionar sobre algumas das formas pelas quais as redes sociais da Internet, através de seus processos de comunicação e de experiência do mundo, interferem e contribuem na construção da identidade dos sujeitos. Desta forma, o interesse deste estudo concentra-se, fundamentalmente, sobre as possibilidades das redes sociais da Internet em se constituírem como um palco de/e para trajetórias inseridas em múltiplos possíveis lugares, envolvidas pela especial e versátil não concretude do ciberespaço.

Reconhece-se que muitos indivíduos fazem uso das redes sociais da internet, daí porque, o recorte metodológico utilizado para o estudo da construção da identidade, através da comunicação estabelecida nas redes sociais da Internet e das trajetórias realizadas pelos sujeitos aí inseridos, esteve orientado em entrevistar sujeitos que se autorreconhecessem como “jovens”, o que resultou em um público que variou entre os 16 e os 31 anos de idade, o que se constitui em um próprio exemplo da complexidade e liquidez humanas, acentuadas com o desenvolvimento da cibercultura.

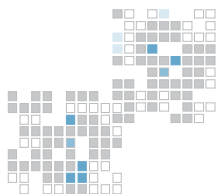
Sobre o aprofundamento desta questão, destaca-se que a definição da categoria “jovem” conforme percebida neste trabalho de pesquisa, utilizou como base os estudos dos cientistas sociais Luís Antonio Groopo (2000), Shmuel Noah Eisenstadt (1976), Sulamita Brito (1968) e Gilberto Velho (2006), os quais destacam algumas distintas concepções sobre juventude, sendo elas: (a) Visão biocronológica – juventude estipulada a partir de idade, esta definição é a mesma adotada pela Organização das Nações Unidas (ONU), Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e Organização Mundial de Saúde (OMS). Sobre esta definição, considera-se a juventude enquanto uma etapa de transição. (b) Visão psi-

cológica – juventude enquanto período conflituoso no qual a pessoa possui o controle de sua vida, entretanto sem, necessariamente, estar apto a isto. Durante este período há uma forte construção da identidade, bem como da definição de opções. (c) Visão sociológica – juventude é definida como um grupo social formado por jovens de diferentes setores e em diferentes situações e grupos sociais e comportamentais. (d) Visão cultural-simbólica – juventude compreendida a partir de suas características culturais. (e) Visão jurídica ou legal de juventude – comumente a visão que mais aparece nas temáticas acerca da juventude, a partir da construção e da garantia dos deveres e direitos dos jovens.

Entretanto, apesar da variedade de conceitos acima, temeu-se, quando da realização desta presente pesquisa, que números acabassem por fazer perder material qualitativo, uma vez que a definição por faixa etária poderia ser perigosa. Lembrando Pierre Bourdieu (1983), em “Questões de Sociologia”, reconhecia-se que a definição do recorte e do estabelecimento do conceito de jovem acabaria por passar por uma convenção socialmente forjada, como o é toda e qualquer palavra. Priorizou-se, então, iniciar a compreensão do termo a partir de sua existência plural, ou seja, não apenas “jovem”, mas sim “jovens”.

Conforme relembra a pesquisadora, historiadora e antropóloga Maria Luiza Heilborn (2006), em seu estudo acerca da experiência da sexualidade, da reprodução e das trajetórias juvenis, o conceito de jovem pode ser compreendido a partir de percepções historicamente desenvolvidas e consolidadas, daí porque a metodologia de trabalho aqui proposta coincide com a de Heilborn ao perceber que “as fases do ciclo de vida ou categorias de idade são móveis e variam ao sabor de novas concepções sociais acerca do humano e das relações intergeracionais” (Heilborn, 2006, p.39).

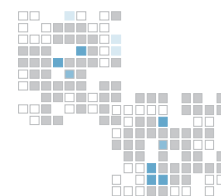
Logo, compreender a juventude nos tempos atuais implica em não homogeneizá-la na busca



de padrões e características que incluam ou eliminem sujeitos deste coletivo plural. Desta forma, o conceito de jovem passa a ser reconhecido neste estudo como um marcador de diferença social assinalado pela fluidez e pelo reconhecimento e busca da construção de si e dos outros, também em situação relacional. Jovens se tornam juventudes a partir do momento que estão organizados em torno de objetivos comuns, como preferências musicais, escolhas profissionais, hábitos de consumo, o que não anula suas diversidades individuais e que lhes são próprias, como seres humanos e agentes sociais que assim o são.

Para facilitar o acompanhamento dos relatos e propiciar um retorno aos nomes fictícios dos sujeitos, apresenta-se, a seguir, quadro esquemático para disposição metodológica dos interlocutores. Ressalta-se que as características de suas identidades e falas serão aprofundadas em análise à medida que forem lançadas mão destas informações no decorrer da escrita. O recurso trata-se apenas de um ponto de partida para apresentação esquemática dos interlocutores. Desta forma, acrescenta-se que todas as entrevistas foram realizadas na cidade de Belém e área metropolitana, individualmente, em caráter *off-line*, e em dias diferentes, o que totalizou cerca de quatro meses para que as onze fossem concluídas.

Apesar da diversidade de suas identidades, conforme percebido ao longo da pesquisa, os entrevistados compartilharam algumas características: nenhum possuía filho e nenhum era casado em cartório, embora Lia vivesse há três anos com seu noivo. Carla namorava Marta e Danilo namorava Tadeu, mas nenhum dos dois casais, apesar de se considerarem relacionamentos estáveis, moravam juntos. Sobre as questões financeiras, apenas Marcelo e Lúcio não exerciam qualquer atividade remunerada e realizavam as provas para tentarem ingressar na Universidade; Vinícius, Carla, Edgar, Danilo e Marta estagiavam em áreas afins a seus estudos. Rodrigo, Dalila, Tadeu e Lia trabalhavam em suas áreas de formação, professor acadêmico, professora de academia de ginástica, área de marketing e médica, respectivamente. Apesar disso, com exceção de Lia, todos moravam na casa dos pais, o que, em algumas entrevistas mostrou-se como um marcador importante sobre as questões de privacidade: em virtude de possuírem pouco espaço para realizarem as atividades que gostariam, e diante de algumas barreiras impostas pelos familiares, o espaço da internet oferecia a liberdade que não encontravam em maior escala na vida concreta. Neste aspecto as questões que mais se destacaram foram a dos relacionamentos, tanto homossexuais quanto heterossexuais, e



Quadro: Entrevistados.

Nome1	Idade	Atividade/Formação profissional
Lúcio	16 anos	Estudante do ensino Médio
Marcelo	17 anos	Estudante do ensino Médio
Vinícius	21 anos	Estudante universitário
Carla	24 anos	Psicóloga e estudante universitária
Danilo	25 anos	Estudante universitário
Marta	25 anos	Estudante universitária
Dalila	25 anos	Educadora Física
Edgar	25 anos	Estudante universitário
Tadeu	26 anos	Publicitário
Lia	27 anos	Médica
Rodrigo	31 anos	Professor

acerca de questões mais “incômodas” à tolerância familiar, como a própria sexualidade e decisões religiosas. Alguns destes embates e a dificuldade em preservar a privacidade nas redes da internet ilustrarão exemplos que serão utilizados adiante.

2. Cultura material das redes sociais da internet

Destarte, considera-se necessário realizar um questionamento inicial acerca dos impactos trazidos a partir desta interação. Sobre isto é destacada a pesquisa realizada por Daniel Miller (2000), acerca da utilização das páginas da internet entre adolescentes de Trinidad e Tobago. Segundo este autor, o objetivo principal do uso desta ferramenta era o de criar um circuito social no qual sua fama cresça à medida que cresce a fama de seu *site* entre seus afins. Consequentemente, mais do que o apelo estético, Miller destacou o interesse no crescimento dos comentários dos visitantes às páginas, o que pode ser interpretado como o fortalecimento dos laços de sociabilidade.

De acordo com o que Miller (2000) destacou em sua pesquisa, os *sites* incrementaram os circuitos de interação, nos quais uma página, através de um *link*, servia de apoio a outros. Miller ainda classificou a experiência de acessar a internet e suas páginas como uma armadilha, uma vez que visitados tantos *links* o sujeito muitas vezes pode se questionar qual era o ponto de partida quando sua ação teve início, podendo-o levar a caminhos que fogem àqueles planejados e previstos inicialmente. Isto posto, destaca-se que ao longo da pesquisa de campo realizada, muitos interlocutores declararam ser a abundância de informação disponível na rede um dos quesitos responsáveis por levar ao que alguns classificavam como um sentimento de desespero, uma vez que reconheciam a tentativa, nunca conclusa, de se querer acompanhar, amplamente, o que é publicado. Este sentimento envolvia as próprias publicações que os entrevistados disponibilizam e que alguns se entristeciam de, possivelmente, não estarem sendo lidos.

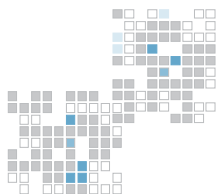
Sobre a disponibilidade das informações, alguns entrevistados afirmaram sentirem-se frustrados com a rapidez com a qual as coisas aconteciam e eram divulgadas nas redes sociais da internet, e as quais dificilmente os interlocutores conseguiam acompanhar, dado o excessivo número de publicações. Este fator acabava por gerar, conforme relataram, aumento da ansiedade e do inconformismo perante as coisas mais triviais de sua rotina com o que liam, viam, escreviam e sentiam, apesar da importância que reconheciam nas redes sociais da internet como fonte de informação e de interação.

Sendo assim, as práticas sociais e as construções das identidades, tanto nos aspectos *on-line*¹ quanto *off-line*² terão sinuosidades e características peculiares a cada exemplo analisado, daí porque ao pensarmos na popularização e ampliação da acessibilidade das técnicas e dos conteúdos, não podemos deduzir que todos fazem uso destas, muito menos que todos as consomem igualmente e com os mesmos propósitos, em se tratando de sujeitos em sociedade, o contexto é fundamental para iniciar qualquer interpretação, ainda que esta seja sempre uma ficção.

Neste sentido, concorda-se com a proposição de Dominique Wolton (1999), uma vez que não somos tão homogêneos quanto o prefixo de globalização assim infere, nem fazemos parte de um fenômeno que passará pelas mesmas etapas. Em se tratando de sujeitos, as peculiaridades e as vontades próprias existem implicadas mais ou menos com as trajetórias pessoais e os contextos, porém o que proponho é que, no processo da experiência, tanto *on-line* quanto *off-line*, bem como na relação que se estabelece entre as duas, o sujeito pode conhecer novos indivíduos, intera-

1 Considera-se *on-line* o instante em que o sujeito está conectado a alguma rede social da internet ou se reporta a este mundo e como se representa socialmente e interage neste.

2 O *off-line* diz respeito a ações e percepções interativas do sujeito fora da internet e de suas redes sociais.



A liberdade oferecida pela internet e por suas redes é o que dá a sensação ao sujeito de que este pode realizar diferentes experiências e assumir posturas diversas, ao que acima é caracterizado como máscaras (...)

gir com diversos assuntos e, inclusive, construir a identidade que tem de si e do mundo.

A liberdade oferecida pela internet e por suas redes é o que dá a sensação ao sujeito de que este pode realizar diferentes experiências e assumir posturas diversas, ao que acima é caracterizado como máscaras, mas não se deseja aqui dar o tom falseador que o termo pode aportar. Desta forma, por [máscaras] este trabalho gostaria de adotar a interpretação de não apenas como algo que oculta, mas também revela, tendo por detrás um sujeito que não desaparece e que, performaticamente, adota posturas, expressões, palavras e pensamentos que podem auxiliar no descobrimento de si, do que está por detrás do que é visto como uma defesa, assim o escudo também é uma forma de se expor a questões mais subjetivas.

3. Objetificação e internet

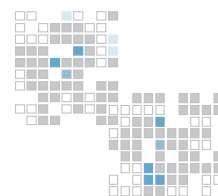
Perceber o mundo enquanto palco das relações entre sujeitos sugere um aprofundamento do olhar acerca dos objetos, uma vez que mais do que ferramentas de vontades e demandas, é através destes que muitas das impressões e posturas sociais da relação com o Outro e com o subjetivo são desenvolvidas. É oportuna a lembrança dos estudos realizados pelo antropólogo Christopher Tilley (2008), sobre a conceituação quintessencial de objetificação³, a qual está relacionada com o que as coisas são e o que elas fazem inclusive no

3 Segundo Tilley, a objetificação está relacionada com o que as coisas são e o que fazem dentro do que representam no mundo social. Assim, a objetificação consiste na incorporação de uma ideia que se materializa em um determinado objeto ou na forma de sua presença e/ou ausência. "A perspectiva da objetificação concede a resposta para ambas questões básicas, sobre o que as coisas são e o que as coisas fazem no mundo social: a maneira na qual os objetos ou as formas materiais estão encaixadas na vida dos mundos dos indivíduos, grupos, instituições ou, mais amplamente, na cultura e sociedade" (Tilley, 2008, p.60).

que diz respeito às suas representações no mundo social. Consequentemente, a ideia surge e se materializa nos objetos, os quais se tornam grandes incorporadores de registros e percepções diversas.

A partir das considerações anteriores, é importante ter em conta que as redes sociais da internet, não estão ligadas a um único sujeito, neste caso aquele que criou determinado perfil, e mesmo este sujeito se encontra em interação com outros. Assim, estas redes se tornam capazes de atravessar o tempo, o espaço e de se relacionar com indivíduos e contextos distintos, tornando-se sujeitos de uma história própria, conforme propõe o arqueólogo Chris Gosden (2005), sendo capazes de tocar as mais diferenciadas formas de relações humanas, inclusive a sociabilidade entre as pessoas. Contextualizando a questão da objetificação para o campo de estudo da cibercultura e das redes sociais, resalto que estas se constituem em mais uma das inúmeras formas pelas quais os objetos podem se apresentar aos olhos e assumir posturas de interação social, bem como de continuidade de uma trajetória que pode ser múltipla, escapando ao controle exclusivo de apenas um sujeito, dado se tratarem de objetos, neste caso as redes sociais da internet, de e em interação social.

Assim, os espaços das redes da internet se transformam em oportunidades para que o indivíduo atue e trabalhe em seus relatos, argumentos, buscas e na execução de sua maior obra, a qual a comunicóloga Paula Sibila (2007), resume como a própria identidade. Não por acaso, os fatos mais triviais tornam-se pauta de divulgação pública e de discussão e debate. Qualquer brincadeira pode se tornar uma ofensa e a impressão é de que sempre há alguém a ler ou a observar, por isso há uma tendência, por alguns sujeitos,



de espetacularizarem suas vidas a partir da clara seleção e conteúdo que divulgarão como ponte de sociabilidade.

Aprofundando esta questão para além das particularidades comunicacionais, Marcel Mauss (1974) destaca a importância do psicológico no âmbito social do indivíduo, do fato social e da troca (construções) constituírem a base da vida social – assim, o fato social deve ser visto como um todo, incluindo os aspectos físico, fisiológico, psíquico, sociológico e, finalmente, a importância do inconsciente, neste caso na ação em diferentes campos (linguística, religião, magia, etc.), na conexão com o Outro.

Logo, o estudo das relações da tecnologia com os sujeitos e os impactos que estas podem causar nestes e vice-versa, leva a destacar que, no processo de interação com a tecnologia, a própria percepção do que se constitui o Nós se vê influenciada ou, de certa forma, alterada. Se antes a relação entre computadores e sujeitos estava restrita ao cálculo e operações de programadores racionalmente previstas, na atualidade o que se verificam são múltiplas fontes para inúmeros receptores, o que recai sobre outra questão determinante de estudo: a entrada, e sua consequente ampliação de acesso, da internet.

A “armadilha”, assim denominada por Miller, das redes sociais da internet, pode ser também reconhecida como *ciberzapping*⁴, característico do consumo fragmentado, imediato e pulverizado de informação na internet e nas redes sociais da internet. A esta velocidade da informação, Bourdieu (1979) classifica, no contexto da televisão, como “um elo negativo entre a urgência e o pensamento” (1979, p.30), o que levanta o questionamento: mais comunicação significa mais informação? Partilha-se a indagação do sociólogo, entretanto não se quer, com isto, afirmar que

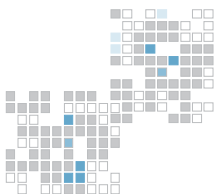
4 O termo é resultado da junção de duas palavras “ciber”, que remete à “cibercultura” e “zapping” conhecido como o ato de trocar constantemente os canais da televisão em busca de programação.

tudo o que se consome na internet é de qualidade duvidosa e superficial, apesar de não negar o imediatismo das buscas, bem como do próprio consumo por informação e, talvez, das interações que estão sendo construídas, tanto no mundo subjetivo quanto no social.

A troca de informações na rede é peça fundamental para que o conhecimento possa tanto ser emitido quanto recebido, assim é ensinado, mas também aprendido, configurando formas de comunicação, mas, sobretudo dos significados culturais (Geertz, 1973) que nortearão as atitudes e o pensar dos indivíduos, bem como da busca identitária a partir de negociações e transformações constantes, uma vez que a sociedade é o resultado das interações culturais, estas sempre diversas e dinâmicas, conforme retrata Fredrik Barth (2000). Por esta razão, as práticas sociais, tanto individuais quanto coletivas, são consequências dos simbolismos e interferências das formas de viver dos sujeitos envolvidos em determinado contexto.

A complexidade das redes sociais da internet reside no fato de que as esferas simbólicas de construções culturais e identitárias são tênues e frequentemente passíveis de permeabilidade. Por exemplo, se uma informação é disponibilizada em determinada rede na internet, esta não está acessível apenas aos sujeitos que integram o ambiente no qual foi publicada, uma vez que há a capacidade do reorque de informações, permitindo que os mais diversos contextos, situações e sujeitos sejam acionados.

Logo, se um sujeito decide replicar alguma informação, obtida em outra rede social, para que seus “amigos”, advindos de redes diversas, tenham acesso ao conteúdo, é muito possível que aconteça um encontro de intenções diversas, cruzadas a partir de um conteúdo em comum. Esta ação poderá ser capaz de fortalecer laços de sociabilidade, afrouxá-los e repeli-los, conforme propõe Georg Simmel (2006). Entretanto, neste interva-



O ato de pertencimento a um determinado grupo/rede, confere o desenvolvimento de um capital social ao sujeito, com o intuito de fortalecer seus relacionamentos e suas experiências (...)

lo, impressões diversas podem ser geradas, como, por exemplo, opiniões expressas, tanto positiva quanto negativamente sobre o conteúdo exposto. A possibilidade do replique é o que faz com que nem Lúcio nem Edgar divulguem informações de cunho mais pessoal, seja na vida dentro ou fora da internet, pois argumentam que, no fim, estas esferas sempre se cruzam, demonstrando que nem sempre é possível criar limites, seja no mundo *on-line* quanto *off-line* acerca do meio em que determinado conteúdo estará restrito. Esta dificuldade também pode ser interpretada como o próprio ponto positivo da vida social, uma vez que, se não se tem uma clareza total dos limites de atuação e impacto de determinado conteúdo ou ação, inúmeras são as possibilidades de laços associativos entre sujeitos.

Posto isto, observam-se inúmeros desdobramentos que as redes sociais podem representar e interferir, enquanto sujeitos, na constituição individual e nas relações de socialização dos indivíduos. Para tanto, é necessário que estes objetos sejam interpretados dentro dos conceitos da objetificação para que possam ser percebidos além de suas características tecnológicas e passem a ser compreendidos, igualmente na condição de coisas que representam, constroem e modificam, em distintos níveis, os sujeitos a sua volta. Exemplo disto é o de que, sendo o homem um ser social, o relacionamento acaba por ser estabelecido, inclusive, com alguns de seus objetos, entretanto a significação que estas ações receberam e a forma como foram praticadas e percebidas, modifica-se ao longo dos tempos e contextos.

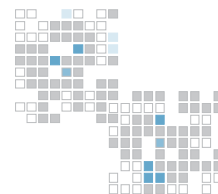
O trabalho de pesquisa realizado demonstra o que Simmel (2006) classificou como “seleção de conteúdo”, capaz de distinguir os laços de sociabi-

lidade que serão estabelecidos ou afrouxados. Daí a razão pela qual, quando o interlocutor esbarrava em preconceitos ou situações delicadas, sobretudo nas questões da sexualidade e da religião, a opção pelo anonimato *on-line* era utilizada.

As chamadas [janelas]⁵ dos computadores na internet são as portas de entrada, e também de saída, às possibilidades que a internet oferece. Trata-se de características de uma pulverização do sujeito que, quase como em uma obra de ficção científica, pode estar em vários lugares em espaço e tempo próprios e particulares ao mundo digital. A exemplo de uma experiência de sonho, na qual o conhecimento de si passa pela experiência do que nem sempre se é familiar ou usual.

Por conseguinte, não é apenas determinado conteúdo da rede da internet que adquire relevância, mas toda uma situação de vida percebida, ainda que muito mais no plano do subjetivo, pelo sujeito que o fazia distanciar-se das características que antes lhe eram mais presentes, mais marcantes ou até de maior interesse, em prol de outras conjunturas de vida. Daí porque muitas das principais mudanças sentidas pelos entrevistados afetavam diretamente suas práticas sociais, consequentemente as formas de se relacionar com o conteúdo das redes e os sujeitos que a elas estavam ligados. Raquel Recuero (2012) argumenta que os perfis da internet são uma forma dos sujeitos demarcarem suas presenças em um espaço caracteristicamente fluídico e sem concretudes de espaço. Assim, o sujeito se constrói performaticamente através de fotos, assuntos que se interessa ou que publica, a maneira como se expressa, os amigos que possui, dentre outros.

5 Denomina-se “janela” às diferentes portas de acesso a determinada informação.



O estudo da identidade proposto neste projeto esteve focado em compreender de que forma os jovens constroem suas identidades, considerando as relações estabelecidas entre on-line e off-line (...)

O ato de pertencimento a um determinado grupo/rede, confere o desenvolvimento de um capital social ao sujeito, com o intuito de fortalecer seus relacionamentos e suas experiências, o que acaba por interferir diretamente, bem como ser a própria causa de determinados traços na identidade do sujeito, uma vez que apesar de vir do coletivo, através das redes, este capital social pode ser apropriado ou transformado pelo indivíduo. No caso da internet, a possibilidade de acesso a quase todo e qualquer conteúdo, permite com que determinados contextos sejam conhecidos e possíveis de interação de uma maneira mais fácil do que o seriam no plano da vida *off-line*. Outrossim, o espaço do qual o sujeito poderá influenciar suas condutas e buscas, não mais será um limitador geográfico, uma vez que dirá respeito a um território praticado socialmente.

Neste contexto de dinamicidade de experiências, os laços estabelecidos demonstram a aproximação ou o afastamento entre sujeitos de acordo com o momento, o que não significa a perpetuidade e forma fixa destas interações. Desta maneira, a concepção de grupo deve ser vista como reunião não homogênea de sujeitos que se conectam, em determinado instante, por motivo e razão específicos, podendo, em outras situações estarem separados ou mais afastados.

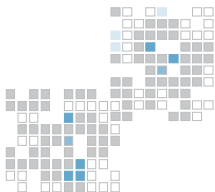
4. Considerações finais

As redes sociais da internet levam a refletir sobre como as identidades e as sociabilidades podem ser operacionalizadas no *on-line*, dado que a concepção do corpo, enquanto matéria física terá sua representação operada em fotografias, formas de falar e conteúdos compartilhados. Destarte, o sujeito aciona características de sua identidade de

modo a construir uma narrativa pessoal, a qual, no instante em que entra em interação com os demais, poderá sofrer modificações, como a forma de se expressar e a expectativa gerada sobre o que se espera da interação com o outro. Não obstante, os limites entre público e privado são tênues e possibilitam transposição, uma vez que a rede social da internet bem como qualquer coletivo agregará sujeitos que compartilharão determinados laços de sociabilidade, mas que podem se mostrar divergentes e antagônicos sobre outros.

O estudo da identidade proposto neste projeto esteve focado em compreender de que forma os jovens constroem suas identidades, considerando as relações estabelecidas entre *on-line* e *off-line*, dinâmicas em permanente construção e em situação relacional com o outro e com o social. Logo, a metodologia do recorte dos interlocutores deste projeto considerou a fluidez que marca as experiências sociais e as relações entre gerações.

Deste modo, criar um perfil na internet está relacionado com escolhas realizadas que interferem e (des) constroem as identidades do sujeito em constante mudança. A fluidez que acompanha a identidade é a demonstração de que o sujeito, em relação consigo, e com os demais, é capaz de transformar o outro, o contexto ao seu redor, e também a si, em um eterno vir-a-ser no qual espaços e características são negociados mediante necessidades e intenções. A complementariedade do *on-line* e do *off-line* mostra a sincronia que operam, portanto não cabe aqui determinar se o que os sujeitos vivenciam nas redes sociais da internet e no *off-line* é ou não verdadeiro, uma vez que se cairia em padrões normativos os quais não considero oportunos às compreensões aqui propostas. Afinal, cada indivíduo trás um univer-



so dentro de si, tão rico e matizado que faz com que as identidades aqui analisadas estejam em frequente transformação.

Assim, há uma busca pelo aprofundamento do capital social e de sua identidade, seja em uma visão global, quanto sobre assuntos específicos. É

nesta busca que, constantemente, podem-se agregar, questionar e descartar valores e conceitos, performances e subjetividades de maneira a nunca se ter uma sujeito de práticas fixas, mas, conforme o propõe Friedrich Nietzsche (2002), um sujeito que é transição e queda, é ponte e não fim.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *O desencantamento do mundo: Estruturas econômicas e estruturas temporais*. Trad.: Sílvia Mazza. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRITO, S. (Org.). *Sociologia da juventude*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- EISENSTADT, S. N. *De geração a geração*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- GEERTZ, Clifford. *The interpretation of cultures*. New York: Basic Books, 1973.
- GOSDEN, Chris. *What do Objects want?*. University of Oxford, vol.12. n. 3. Set. Journal of Archaeological Method and Theory, 2005.
- GROOPO, Luís Antônio. *Juventude: Ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*. Rio de Janeiro: Difel, 2000.
- HEILBORN, Maria Luiza [et al.]. *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.
- MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Edusp, 1974.
- MILLER, Daniel. *The fame of trinis: websites as traps*. London, University College: Journal of Material Culture, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Hemus, 2002. Disponível em <<http://tinyurl.com/7thg8to>>. Acesso em: 24 de fev. 2012.
- RECUERO, Raquel. *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- SIBILA, Paula. In: *Comunicação e Sociabilidade: Cenários Contemporâneos*. CAIAFA, Janice; ELHAJJI, Mohammed (orgs.). Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Trad.: Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.
- TILLEY, Christopher. *Objetification*. Handbook of Material Culture, New York: Sage, p.60-73, 2008.
- VELHO, G. (Org.). Individualismo e juventude. 1990. *Comunicações do PPGAS*, Rio de Janeiro, n. 18. 1990.
- WOLTON, Dominique. *Pensar a Comunicação*. Trad: Vanda Anastácio. Portugal, Miraflores: Difusão Editorial, 1999.

(Footnotes)

1 Todos os nomes são fictícios para preservar a identidade dos entrevistados.

